

RESENHA DO LIVRO "O MARXISMO E A QUESTÃO RACIAL: KARL MARX E FRIEDERICH ENGELS FRENTE AO RACISMO E À QUESTÃO RACIAL" DE CARLOS MOORE

Gustavo Roberto Pinheiro Oliveira¹

Lara Rocha de Almeida Pipas²

Sobre os Autores

Charles George Moore Wedderburn nasceu em 4 de novembro de 1942 em Central Lugareño, Cuba. Lá, o escritor e sua família viviam na mais absoluta miséria, em condições degradantes. Durante a guerra civil entre Fidel Castro e Fulgêncio Batista, com a quase morte de seu irmão por policiais, seu pai decidiu que o melhor seria emigrar do país, quando Carlos ainda tinha quinze anos. Dessa forma, foram para os Estados Unidos, visto como o "El Dorado" pelos cubanos na época, e instalaram-se no Brooklyn, um bairro negro em Nova York.

Chegando no Brooklyn, Moore ficou maravilhado com a experiência de viver em um local que tinha bares e cinemas cujos donos eram negros. Além disso, matriculou-se em uma escola cuja maior parte dos estudantes e professores eram negros, na qual havia o estímulo da leitura e do conhecimento sobre sua cultura e história. Coincidentemente, Moore chegou ao país em 1958, ano em que começaram diversas lutas pelos direitos civis no país, as quais ele definiu como extraordinárias.

Ao tomar consciência de si como negro, o autor passa a militar na esquerda e chega a, em 1960, conhecer Fidel Castro, que havia liderado a Revolução Cubana, em Nova York. Após seu encontro com Castro, Moore decide voltar a seu país natal em 1961, com 18 anos, para participar da Revolução. Choca-se ao ver um governo predominantemente branco governando uma população com maioria negra, denunciando isso e sendo preso.

Moore foi acusado de "subversão racial", ao denunciar racismo, que segundo Fidel, havia sido abolido de Cuba. Qualquer crime contra o Estado, como esse foi considerado, era punido com pena de morte, no novo regime. Carlos ficou 28 dias em Vila

¹ Graduando em Direito na Universidade Federal Fluminense (UFF).

² Graduanda em Direito na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Marista esperando sua execução, até que foi milagrosamente solto pela intervenção de um dirigente negro norte-americano, do qual havia sido tradutor.

Moore não desistiu de organizar-se contra o racismo, e ao abordar Fidel Castro na rua, acabou sendo levado diante do ministro de Segurança Nacional. Ele foi forçado a assinar uma confissão afirmando não haver racismo em Cuba, por ameaça de morte. Posteriormente, foi internado em um campo de trabalho, onde ficou preso e se machucou, e teve que ser levado para Havana para se tratar. Pediu perdão a autoridades cubanas e este lhe foi concedido.

O autor, então, resolve refugiar-se na França, em 1963. Lá ele conhece outros ativistas negros, como o senegalês Alioune Diop e o filósofo poeta Aimé Césaire, que cita no livro a ser estudado, e passa a trabalhar como jornalista na Agence France-Presse. Na França, inicia sua vida acadêmica, marcada pelo título de Doutor em Etnologia, em 1979, o e Doutorado em Ciências Humanas, em 1983, ambos pela Universidade de Paris. Entre 1984 e 2000 foi Professor Visitante na Universidade Internacional da Flórida (EUA), Universidade do Caribe (Trinidad-Tobago), e Universidade do Caribe Francês (Martinica e Guadalupe).

No ano de 2000, muda-se para Salvador, Brasil, com a família, devido a complicações médicas nos últimos anos do século XX, que o fizeram querer terminar de escrever suas memórias. Há 17 anos, Moore mora em Salvador, e sua autobiografia, "Pichón: a Minha Vida e a Revolução Cubana", foi publicada em 2008.

Como percebido, o autor passou a sua vida lutando pela emancipação negra e a garantia de direitos iguais e representatividade. Teve contato, além dos autores supracitados, com outros influentes no meio, como James Brown, Malcolm X., Joan Baez, Miriam Makeba e FelaKuti.

Ricardo Matheus Benedicto, autor do prefácio, possui graduação e mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e é Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Atualmente, é professor do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB e líder do Grupo de Pesquisa em Educação Afrocentrada³.

Gilberto Neves, que escreveu o posfácio, por sua vez, além de ser advogado, também já atuou como professor de História, como coordenador da Coordenadoria

³ Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/4037623/ricardo-matheus-benedicto>>. Acesso em 20 out. 2017.

Municipal Afro-racial-COAFRO, entre 2001 e 2002, e ocupou os cargos de secretário de formação da Executiva Estadual do PT-MG e o de secretário municipal de Cultura de Uberlândia, além de ter sido membro da Comissão Igualdade Racial, da 13ª Subseção da OAB/MG⁴.

Contexto Histórico

A contextualização mostra-se bastante presente no prefácio do livro e em seus primeiros capítulos. No prefácio, ela consiste, em sua maioria, de elementos importantes para a luta negra e aspectos em diferentes partes do mundo, enquanto na parte escrita por Moore, ela se dá mais voltada ao eurocentrismo e ao arianismo.

Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) trabalharam, em meados do século XIX, analisando socioeconomicamente a sociedade a partir do materialismo histórico e da luta de classes. Expressaram seus conhecimentos a partir dos livros "O Capital", do "A Ideologia Alemã" e do "Manifesto do Partido Comunista", e de artigos e outras obras menos conhecidas. Foram influenciados por diversos pensadores do Iluminismo, movimento predominantemente do século XVIII, ou "Século das Luzes". Alguns dos pensadores mais importantes dessa época foram Diderot, Descartes, Voltaire, Kant e Hegel, que inclusive será citado durante a obra. É importante ressaltar que tais personalidades, assim como as outras do movimento, são europeias, e, ainda que busquem um avanço, e mais liberdades, centram-se na Europa. Uma ideia comum entre muitos autores dessa época é que somente os europeus são capazes de progredir a história⁵, que estes deveriam "conquistar, dominar e gerenciar o globo"⁶.

A partir do século XIX, a natureza exploratória do capitalismo se tornou mais evidente, e só veio a piorar com o surgimento de maquinário e das linhas de produção⁷. A superexploração do trabalhador e as grandes desigualdades sociais deram voz aos estudos de Marx e Engels. Dessa forma, o paradigma marxista foi universalizado. A evolução histórica de todas as civilizações passou a ser medida por esse dogma teórico, que usa o

⁴ Disponível em: <<http://www.oabuberlandia.org.br/oabudia.qps/Ref/QUIS-8HPT7L>>. Acesso em 20 out. 2017. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/secretario-municipal-de-cultura-de-uberlandia-pede-exoneracao/>>. Acesso em 20 out. 2017.

⁵ "O fardo do homem branco" (The White Man's Burden), de Rudyard Kipling, expressa bem esse pensamento.

⁶ MOORE, 2010, p. 10.

⁷ Característica inicialmente do Fordismo, criado por Henry Ford em 1914.

Ocidente como seu único parâmetro, e o que era europeu e "temporal" passa a ser "universal" e "definitivo". O uso de tal parâmetro inferiorizou os países vítimas de imperialismo. No contexto em que todas as sociedades devem sofrer revoluções em seus processos de produção até gerarem condições para o surgimento do Socialismo, os países africanos e asiáticos foram caracterizados como atrasados, relevando suas particularidades históricas e culturais e impondo o seguimento de um padrão de desenvolvimento.

Na segunda metade do século XX, avista-se um triunfo do ideário marxista, com as Revoluções: Russa (1917), Chinesa (1946-1950), Cubana (1959), e outras. A utopia comunista passa a não parecer tão distante, com uma grande euforia revolucionária pairando sobre os indivíduos, e os que a negavam passavam a ser considerados conservadores.

O Marxismo, que define a luta de classes como o motor da história⁸, e defende que os proletários tomem o poder da burguesia a partir de uma Revolução, chegou a influenciar e ainda influencia diversas minorias sociais, devido à sua sensibilidade para questões sociais. Uma delas foi o Movimento negro: a "Negritude" (age no Caribe e na França), o "Civil Rights" e o "Black Power Movement" (nos Estados Unidos) e movimentos negros brasileiros do final dos anos 70, além de influenciar na busca por libertação de países africanos.

O Movimento "Negritude", com seu caráter artístico e político, de posituação dos valores culturais e estéticos dos negros, chamou atenção na década de 1930, e assim como o Garveysmo, foi muito importante para as lutas de libertação no Continente Africano e na diáspora. Entretanto, mesmo tendo tido influência na criação desses movimentos, o marxismo vê as lutas de raça como uma "distração" criada pelo Capitalismo para semear desunião entre a unidade de trabalhadores, focando unicamente na luta de classes. No Brasil, a utilização da união da esquerda com um movimento negro apenas para fins políticos, e não para apoiar suas causas foi denunciada por Abdias do Nascimento, ainda na década de 1940.

Com a conturbada publicação por Carlos Moore do livro "Qual o lugar do negro na Revolução Cubana?", a esquerda se dividiu, e a parte contra Moore decidiu acusá-lo de imperialista, ainda que ele não fosse contra a Revolução, só não visse mudança no

⁸ "A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes." (MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000042.pdf>>. Acesso em 29 out. 2017. p. 01)

problema de raça. O livro denunciou a destruição do movimento negro e de muitos aspectos de sua cultura, como a religião e a música, pelas autoridades revolucionárias, que proclamavam uma democracia pós-racial, com a única existência da "cor cubana", só que sem excluir o racismo da mentalidade do povo ou dar representatividade aos negros⁹.

Desenvolvimento

O livro "O Marxismo e a Questão Racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão", de Carlos Moore, com o prefácio de Ricardo Matheus Benedicto e posfácio de Gilberto Neves, aborda a questão do racismo no marxismo da esquerda política, fundado por Karl Marx e Friedrich Engels. A análise se dá por meio do que eles tinham a dizer sobre eventos históricos de libertação, principalmente os contemporâneos da época, do seu silêncio acerca de questões fundamentais, como o racismo, e de suas falas sobre acontecimentos fora do mundo europeu.

Segundo Eric Hobsbawm, historiador marxista, Marx e Engels tinham um nível escasso de conhecimento sobre "pré-história, sociedades comunais primitivas e América pré-colombiana e virtualmente inexistentes os relativos à África"¹⁰(conhecimentos). Eric explica tal desconhecimento afirmando faltar material disponível para estudo, entretanto, outro teórico marxista diz: "Engels dotou a história ocidental com o privilégio de ser o arquétipo do desenvolvimento geral da humanidade e implicitamente excluiu a história da Ásia e do Oriente Próximo de seu campo analítico". Nessa perspectiva, o eurocentrismo de Marx e Engels os levou a montar um protótipo social para as generalizações a respeito do desenvolvimento histórico de todas as civilizações.

Os ideais marxistas, como visto, não devem ser dissociados de sua época. Os autores nasceram, viveram e trabalharam na Europa do século XIX, escravista de negros africanos e exploradora de diversos povos. A escravidão auxiliava o desenvolvimento do capitalismo: "A Europa bebia o sangue do homem negro e cuspiu dinheiro em seguida"¹¹.

A expansão do Ocidente levou a um fenômeno psicocultural muito comum no mundo "ariano", a "supremacia branca". Afinal, o homem branco já havia "provado" sua superioridade através da escravização e conquista dos povos, impondo seu domínio

⁹ "Onde estão os negros, compartilhando o poder, numa nação em que a maioria das pessoas é de origem africana?" - Questiona-se Moore, no livro citado: "Qual o lugar do negro na Revolução Cubana?".

¹⁰ MOORE, 2010, p. 61.

¹¹ Karl Marx em discurso sobre o domínio britânico na Índia.

econômico, político e cultural racista. Os defensores de tal fenômeno pautavam-se sobretudo na biologia darwinista e lamarckista, de evolução. O uso dessa é visível no Manifesto de Joseph Arthur Comte de Gobineau, que afirma que todas as civilizações antigas e novas eram a criação da raça branca, e que só a história desta existe.

Marx e Engels produziram sua obra nesse contexto racista, de ódio ao negro e superioridade branca. Não surpreende o fato de haver menção a raças civilizadas e não civilizadas¹², defendendo a assimilação das não civilizadas, em sua obra, além de noções básicas de arianismo e críticas a adversários pautadas em noções raciais¹³. Engels sugere uma possível razão para a "superioridade" dos arianos e semitas: "Talvez a evolução superior dos arianos e dos semitas se deva à abundância de carne e leite em sua alimentação"

Além de eurocêntricos, Marx e Engels eram defensores assíduos da superioridade alemã, o Chauvinismo pró-germânico, como se pode notar nos trechos: "os jornais da facção romântica dos franceses e dos italianos devem ser usados com bastante ponderação, e nós, alemães, devemos preservar a nossa superioridade teórica"¹⁴ e "Os franceses precisam de uma surra. (...) se verá que a classe trabalhadora alemã é superior à francesa, tanto no aspecto teórico quanto em organização"¹⁵.

Os fundadores do marxismo ainda mostraram-se, por vezes, pró-colonialistas, quando isso era bom para a sua nação ou para a Europa, como a visão positiva de Engels acerca da vitória sangrenta da França contra os árabes da Argélia¹⁶ e da guerra imperialista da América do Norte com o México, vista como um evento "civilizatório". Segundo Moore, Marx e Engels viam sentido nas carnificinas pois "a carnificina e a pilhagem fora da Europa seriam a base para o desenvolvimento vertiginoso, no Ocidente, do Capitalismo industrial e da classe de trabalhadores assalariados. Por sua vez, isso levaria à Revolução e, por fim, ao Socialismo."¹⁷

¹² "A vocação principal de todas as outras raças e povos (não portadores do progresso), grandes e pequenas, é de perecer no holocausto revolucionário." - Engels referindo-se à Boêmia e à Croácia, por buscarem se libertar do imperialismo alemão, em carta destinada a Marx.

¹³ "(...) a forma de sua cabeça e a textura de seu cabelo, indicam que ele é descendente de negros (...) a união entre judeus e germânicos com um substrato negro, teria produzido um híbrido peculiar" - Carta de Marx para Engels, em julho de 1862, ofendendo o teórico socialista Ferdinand Lassalle.

¹⁴ Friedrich Engels em carta a seu amigo Eduard Bernstein.

¹⁵ Citação de Friedrich Engels.

¹⁶ "(...) a conquista da Argélia é um fato importante e auspicioso para o progresso da civilização" - Engels em seu artigo "O domínio francês na Argélia".

¹⁷ MOORE, 2010, p. 78.

Considerando o menosprezar de Marx e Engels por latinos, eslavos, árabes e asiáticos, e incluindo as críticas raciais que eles realizam e o desprezo demonstrado pela África¹⁸, fica fácil entender sua postura com relação aos negros. Pode-se dizer, inclusive, que a dupla via a escravidão com a mesma ótica da carnificina supracitada, pois também leva ao desenvolvimento econômico do capitalismo industrial, seguindo a mesma linha de raciocínio.

A resistência dos colonizados da África, da Índia e da Oceania e suas lutas desesperadas contra o invasor branco, além das inúmeras revoltas negras nas Américas, foram marcadas com indiferença por Marx e Engels. Eles foram testemunhas da agressão "ariana" e da resistência universal, e mesmo sendo considerados "grandes internacionalistas revolucionários", nada fizeram ou escreveram a respeito. Calaram-se inclusive diante da Revolução Haitiana de 1804, a maior do século XIX, e não foi por falta de conhecimento, como muitos afirmam, já que eles escreviam para jornais e a eles tinham acesso. A derrota de senhores brancos, afirma Moore, saía do campo eurocêntrico conceitual dos autores, é ignorada para manter a ideia de superioridade e invencibilidade dos imperialistas.

Moore afirma que há somente uma ocasião em que a dupla se posicionou contra a escravidão negra, durante a Guerra Civil norte-americana, entre a estrutura industrial e capitalista, o Norte, representando a supremacia branca, e sua contraparte agrária e escravagista, o Sul. Ele afirma, entretanto, que sua oposição se baseava exclusivamente em "uma preocupação pelas vantagens que a classe trabalhadora ariana pudesse retirar de um conflito que opunha massas negras e opressores brancos"¹⁹. A escravidão tornou-se um perigo não só para os arianos, mas também para o surgimento do Capitalismo Industrial²⁰, necessário para o surgimento do Socialismo.

Os negros deveriam reavaliar a posição oportunista de Marx e Engels, seu silêncio e indiferença para com as lutas negras e seu apoio ao ideal de supremacia branca e arianismo. Deveriam visualizar a contradição de como uma ideologia que se diz libertadora não fala sobre uma das mais horríveis opressões da história. Como podem afirmar que a

¹⁸ "Neste ponto nós deixamos a África, para não a mencionar de novo. Pois, não é parte da história do mundo; não tem movimento ou desenvolvimento para exibir." - Carta de Karl Marx para Engels.

¹⁹ MOORE, 2010, p. 84.

²⁰ "O trabalho de uma pele branca não pode se emancipar onde o trabalho com uma pele negra é marcado a ferro" - Karl Marx em "O Capital".

luta de raça é só uma distração capitalista e mesmo assim continuar contra os negros, afirmando a supremacia branca?

Em "A Miséria da Filosofia", Karl Marx coloca a escravidão como qualquer outra categoria econômica, naturalizando-a:

A escravidão direta é o eixo da indústria burguesa, assim como as máquinas, o crédito, etc. (...). A escravidão criou as colônias, as colônias criaram o comércio universal, o comércio que é a condição da grande indústria. Por isto, a escravidão é uma categoria econômica da mais alta importância.

Engels explica a importância histórica da escravidão, por ter permitido a divisão entre agricultura e indústria, a expansão do mundo antigo: "Sem escravidão não haveria Estado grego, nem a arte e a ciência gregas (...) não haveria Império Romano (...) não haveria Europa Moderna"²¹. Nesse mesmo texto de Engels, ele afirma que a escravidão foi um passo à frente também para os escravizados por serem prisioneiros de guerra, uma vez que agora poderiam manter suas vidas. Há quem defenda que ambos estão somente caracterizando e justificando a escravidão antiga, mas, sem documentos nos quais retratam e dão sua opinião sobre a escravidão de seu tempo, como saber se esta mudou?

Se, para os dois, a escravidão foi a base para o desenvolvimento social e econômico, em sua época, o colonialismo e o imperialismo configuraram-se como o sustento. Só assim se poderia "modernizar", "progredir", "ocidentalizar" e "civilizar" o mundo não ariano, atrasado nos critérios de desenvolvimento por eles criados. A ideia de que as outras sociedades, menos avançadas, permaneceriam estáticas, entretanto, é uma grande contradição com os ideais do materialismo histórico e da dialética, oficialmente adotados pelos autores.

Ao Karl e Friederich planejarem todos os desdobramentos para levar às revoluções proletárias e ao Socialismo, cabe agora a indagação a respeito do que irá acontecer caso os países europeus desenvolvidos realmente atinjam a utopia socialista. O que seria dos países e povos por tanto tempo assolados pelo imperialismo ocidental? O marxismo defende a independência automática dos países colonizados e povoados por maioria branca, enquanto Engels propõe a entrega das colônias negras e orientais da África, Ásia, Oceania e das Américas à classe operária europeia vitoriosa, o que pode ser

²¹ A "Primeira Internacional", instituída do Marx, Engels e Cia.

chamado de "colonialismo prolet-ARIANO socialista". Segundo tal proposta, as colônias "semicivilizadas" deveriam desenvolver-se por sua conta, até atingirem a Revolução socialista, já que os europeus estarão ocupados acabando com as explorações capitalistas.²²

Na prática, ainda que teoricamente defendessem a todos os proletários, os fundadores do marxismo consideravam uma injustiça a colonização de raças arianas, dizendo que esta deveria ser combatida por se opor aos interesses da causa proletária (prolet-ariana), enquanto a colonização e tutela de civilizações de pele escura trazia modernização e civilidade ao meio. A preocupação marxista com a solidariedade internacional do proletariado, pode-se concluir, não é devido ao perigo da divisão da classe trabalhadora, mas sim à manutenção da classe trabalhadora ariana (prolet-ariana) no comando do processo de revolução mundial

Os autores Hélène Carrère d'Encausse e Stuart Schram consideraram a posição de Marx e Engels "desdenhosa em relação aos 'nativos'", ao sugerirem uma "tutela" pelos países civilizados. Esse posicionamento de Marx e Engels chegou a embasar propostas excêntricas de "políticas coloniais socialistas" no início do século XX.

Em toda a sua obra, os autores não se perguntaram o que as vítimas da "missão civilizatória" achavam sobre o assunto. Não foi perguntado se eles gostavam de ser retirados de suas famílias, de serem açoitados, de trabalharem 18 horas por dia, de comer pouco e de serem tratados como animais enjaulados. Não se importaram em perguntar se eles estavam felizes em cumprir um importante papel para o desenvolvimento da economia, e, posteriormente, na possível transformação de Capitalismo em Socialismo nos países que nem são os seus, dos quais nem o escravizado nem a sua linhagem poderia se beneficiar.

Atualmente, observa-se a constante tentativa de justificar o que Marx e Engels falaram, afirmando-se que eles estão sendo mal interpretados, que não tinham conhecimento do que acontecia aos negros, que não são pró-racismo, pró-escravidão, pró-colonialismo, pró-imperialismo e pró-supremacia branca. Entretanto, o autor do livro buscou prová-los errados a partir das análises feitas. Vale salientar que o autor não pretende tirar a importância das construções e análises socioeconômicas das personalidades estudadas, e sim mostrar que elas não foram tão revolucionárias e centradas nas questões

²² Essas ideias estão resumidas em uma carta de Engels para Karl Kautsky, de 1882.

sociais como se diz popularmente, tendo sido muito influenciadas pelo racismo de seu tempo.

Uma reflexão é deixada pelo autor: "Pode uma ideologia, que incorpora sutis princípios filosóficos de natureza racista, servir como uma ferramenta ou arma contra o racismo?"²³. Dessa forma, foi sustentada a tese de que movimentos negros não deveriam utilizar-se de argumentos de origem marxista.

Reflexão sobre o Caso Brasileiro

O 4º capítulo do prefácio de Benedicto, "A relevância do debate para o Brasil" e o início do posfácio de Gilberto Neves, "Diálogo Possível e Necessário", tratam da temática no contexto brasileiro. Essa discussão é necessária pois a questão racial, hoje, se encontra em diferentes níveis de poder e poros sociais, na forma de luta antirracismo.

O Movimento Negro Brasileiro (MNB) é majoritariamente influenciado pelo pensamento de esquerda. O autor deixa o questionamento se esse livro será capaz de iniciar o necessário debate entre o MNB e a esquerda brasileira. Para continuarem uma coexistência pacífica, a esquerda teria que admitir a existência e necessidade das lutas raciais por direitos iguais, e deixar de enxergar somente as lutas de classes.

O racismo tipicamente brasileiro fundamenta-se na miscigenação da população. Essa, teoricamente, impede a existência de racismo, e o preconceito, por esse ponto de vista, seria unicamente econômico. Dessa forma, para os capitalistas, o desenvolvimento econômico da nação resolveria esses problemas. Tal "democracia racial", parecida com a de Cuba, tem a função de impedir a criação de políticas públicas de favorecimento aos negros. A esquerda também vê o preconceito pelo viés econômico, afirmando que essa ideologia e a superexploração capitalistas teriam fim com a Revolução Comunista.

Por força dos movimentos negros, o governo passou a compreender o racismo como um fenômeno que produz desigualdade estrutural dos negros para com os brancos. Reconhecido tal status, foi incentivada a criação de medidas estatais de promoção dos negros. No Brasil, a perspectiva de comprometer o Estado a criar medidas de combate ao racismo e busca da igualdade racial coincide com a chegada da esquerda ao poder. O governo Lula criou, por exemplo, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção de

²³ MOORE, 2010 p. 105.

Igualdade Racial (SEPPIR), que combate as discriminações racial e étnica, e conta com uma ouvidoria para denúncias. Outros temas, entretanto, como cotas raciais, o Estatuto da Igualdade Racial e a criação de um fundo financeiro para medidas estatais de promoção da igualdade, encontraram oposição até mesmo dentro da própria esquerda.

Essas reivindicações suscitaram revoltas nas elites da esquerda e da direita. Tais elites passaram a utilizar-se da mesma estratégia argumentativa, repetindo muitas vezes seus argumentos, esperando que se tornassem verdades²⁴. Elas afirmam a "excepcionalidade" da mestiçagem, como já citado, e a necessidade da meritocracia e dos ideais republicanos. Além disso, muitas vezes fogem das discussões sobre ações afirmativas e apelam para um medo irracional de que estas são perigosas para a unidade nacional, por "racilizarem" a sociedade brasileira, instigando as lutas de raça. Os principais defensores desses argumentos são Demétrio Magnoli, Yvone Maggie e Peter Fry.

Há ainda pensadores como César Benjamin, que afirmam que os que defendem as cotas e as políticas de inclusão racial são os verdadeiros racistas, uma espécie de racismo às avessas. Ele sustenta também que tratar a raça branca como opressora e privilegiada é um "desrespeito a milhões de pessoas pobres e trabalhadoras". Esse autor, assim como os outros citados, pauta-se na idealizada mestiçagem do povo brasileiro, vendo como um delírio a divisão do país em brancos e negros.

Alguns dos opositores das políticas afirmativas que buscam a igualdade racial chegaram a entregar um manifesto contra as cotas e políticas raciais ao Congresso Nacional em 2006. Esse comportamento é justificado por Benedicto a partir de uma comparação com as ações das elites brasileiras antes da abolição da escravidão, tentando manter seus privilégios.

O prefácio, assim como essa breve análise sobre o caso brasileiro, termina expandindo dados do relatório "Desafios da problemática racial em Cuba"²⁵, de 2007, para o Brasil, que encontrava-se em uma situação semelhante. A pesquisa mostra que, em 1995: 58% dos brancos consideravam os negros inferiores; 65% dos brancos acreditavam que eles não tinham os mesmos valores e decência; 66% da população negra estava desempregada, enquanto apenas 34% dos brancos estavam; em todos os níveis de poder, apenas 29% dos dirigentes eram negros; 27% dos cientistas eram negros; e o que mais se

²⁴"Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade" - Joseph Goebbels.

²⁵ MOORE, 2010, p. 53.

aplica à situação brasileira no contexto de defesa às cotas, apenas 3% dos universitários eram negros, em uma população predominantemente negra.

Análise Crítica da obra de Carlos Moore

Consideramos que Moore é muito sóbrio em seu texto, analisando cartas e passagens que muitas vezes são relevadas quando se estuda o marxismo. Ao longo de suas 132 páginas, levando em consideração o prefácio e o posfácio do livro, pode-se observar uma sequência lógica muito bem desenvolvida. Além disso, livro, mesmo tendo sido escrito na década de 1970, sendo publicado no Brasil em 2010, é dotado de um vocabulário acessível e sua leitura flui bem.

Apreciamos, também, a atualidade da temática do texto. O tema abordado, embora histórico, se encaixa perfeitamente na contemporaneidade, configurando-se como uma reflexão importante sobre as falácias dos movimentos revolucionários universalizados que são, ao mesmo tempo, comprometidos com ideais de superioridade de um povo ou continente. Ademais, o encadeamento do livro nos leva a perceber que o racismo não está presente somente em atos individuais particulares, mas sim na estrutura da sociedade.

Por outro lado, o prefácio do livro nos desagradou um pouco. Consideramos que o prefácio do livro, escrito por Ricardo Matheus Benedicto, embora explique bem o contexto das obras de Carlos Moore e a história da luta dos movimentos negros, é muito abrangente. O autor poderia ter focado mais nos aspectos particulares do que tratava. Além disso, acharíamos pertinente um estudo, mesmo que curto, sobre a obra de Marx e Engels, para introduzir o leitor no assunto.

Sobre o prefácio, ainda, e adicionando o posfácio, achamos muito interessantes as falas sobre o Brasil. É importante analisar o contexto nacional, uma vez que, caso contrário, estaremos a mercê de falas como as dos revolucionários de Cuba, de que lá não havia racismo, sendo no nosso caso, defendidas pela afirmação de que a miscigenação e a mestiçagem da população impossibilitam o preconceito racial²⁶. Outro "argumento" com pouca base teórica citado que devemos refutar é o de que a busca por direitos e oportunidades iguais, como a implementação das ações afirmativas nas Universidades, tende a gerar uma racialização da população, que culminaria em lutas raciais.

²⁶ A tese de que a miscigenação exclui o racismo no Brasil é fundamentada por parte da própria bibliografia acadêmica brasileira, como no livro "Casa-Grande & Senzala", de Gilberto Freyre.

Uma defasagem que encontramos em parte do texto é a de que, principalmente nas análises das cartas, no prefácio, Benedicto parece ignorar o contexto escravagista e de ampla aceitação do "Darwinismo Social" da época em que a dupla analisada por Moore escrevia. O autor, na nossa visão, tenta atualizar seus escritos, de forma a torná-los ainda mais absurdos, para persuadir os leitores de seu ponto de vista. Moore, por outro lado, ao menos indica em algumas passagens que o racismo dos autores se devia à sua época e origem²⁷, mesmo eles tendo tido oportunidade de ir contra este.

Um dos aspectos negativos que se encontra no texto é a repetitividade. Esta, que ocorre apenas em poucos momentos, se deve principalmente ao capítulo "Estrutura e conteúdo da obra", do prefácio, adiantar temas a serem trabalhados e analisá-los. Benedicto usa alguns dos fragmentos de cartas contidos no texto principal, falando deles com o mesmo ponto de vista de que Carlos Moore fará uso²⁸. Tal estratégia argumentativa ou a simples vontade de Benedicto de também discorrer sobre as cartas, torna algumas partes do texto principal maçantes, por já terem sido abordadas.

Também acreditamos que os autores do livro, por vezes, pegaram passagens sem se preocupar com o contexto de onde foram retiradas. Essa é uma tática muito comum de argumentação, e por vezes sequer é proposital, entretanto, as passagens utilizadas deveriam ter uma contextualização própria, já que o leitor muitas vezes não terá acesso ao material original. Descrever as circunstâncias do que foi escrito é importante pois, muitas vezes, na mesma obra, um escritor pode abordar um ponto de vista que não é totalmente favorável, e essa citação pode ser utilizada, fora de contexto, contra ele.

Uma percepção que tivemos ao longo do texto é a de que, ao afirmar que a luta de raças divide o proletariado, o marxismo estava certo, ao menos nesse caso. O posicionamento do marxismo perante a luta de raças foi explicado como se não fizesse sentido, por descrever tais lutas como uma estratégia capitalista, uma distração, entretanto, ao lançar o artigo "Qual o lugar do Negro na Revolução Cubana?", Moore acirrou disputas de poder e a divisão do movimento esquerdista²⁹, como o marxismo previra. Tais discussões são importantes na luta negra, não estamos condenando-as, apenas apontando a

²⁷ "As análises políticas de Karl Marx e Friedrich Engels, suas conclusões teóricas e ponderações filosóficas a respeito das mais diversas questões, foram naturalmente condicionadas por eles serem ocidentais, e não africanos ou asiáticos; brancos, e não negros ou orientais (...)" (MOORE, 2010, p. 105)

²⁸ Vide MOORE, 2010, p. 33; 67.

²⁹ MOORE, 2010, p. 20.

acuracidade do que o marxismo previu, e trazendo um argumento que pode ter sido usado ao acusarem Moore de imperialista, na época.

Moore afirma em seu livro que, mesmo o marxismo prevendo o fim das lutas de raça, e, conseqüentemente, do racismo, com a instauração do comunismo, esse não ocorre. Ele cita o exemplo de Cuba, em que se foi declarada uma "democracia pós-racial", e mesmo assim o racismo permaneceu, ainda que não incentivado, na mente das pessoas e no modelo de representatividade. Concordamos com o autor, não entrando na questão do comunismo acabar com o racismo ou não, que se deve lutar contra este, criar campanhas em prol da igualdade de direitos, representatividade e oportunidades, e não só passar a reconhecer somente a "cor cubana", tratada como um eufemismo para "cor branca", pelos autores³⁰.

Com a leitura do texto, acreditamos que sim, Marx e Engels eram racistas. Sim, eles se preocupavam somente com a luta de classes. Sim, talvez os movimentos negros não deveriam usar argumentos dessa origem. Mas não devemos descartar as ótimas análises socioeconômicas e os estudos da sociedade por esses autores apresentados. Eles viveram em uma época em que a inferiorização dos negros era, infelizmente, normal, e inclusive "baseada na ciência". Dessa forma, acreditamos que os autores do livro exageraram um pouco em suas críticas no sentido de rebaixá-los apenas a racistas, desconsiderando todo o progresso teórico que trouxeram.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Carlos. **Dissidente cubano que vive em Salvador há 17 anos, Carlos Moore tem biografia lançada no Brasil:** Em 'Pichón', o cientista político descreve sua luta contra o racismo, em meio a lembranças da cena folk de Nova York nos anos 1960, críticas à repressão de Castro à cultura afro e elogios ao hip-hop. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/dissidente-cubano-que-vive-em-salvador-ha-17-anos-carlos-moore-tem-biografia-lancada-no-brasil-15613598>>. Acesso em 29 out. 2017.

BISPO, Rodrigo. **Marxismo e questão racial.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_JeXJEjfKfQ>. Acesso em 29 out. 2017.

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Ministério dos Direitos Humanos. **Você conhece a SEPPIR?** Disponível em: <<http://www.seppir>>.

³⁰ MOORE, 2010, p. 27.

gov.br/central-de-conteudos/noticias/2017/01-janeiro/voce-conhece-a-seppir-1>. Acesso em 29 out. 2017.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 50ª edição. Global Editora. 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000042.pdf>>. Acesso em 29 out. 2017.

MARX, Karl. **O Capital**. Disponível em: <<https://coletivocontracorrente.files.wordpress.com/2013/10/tmpeq7jbv.pdf>>. Acesso em 29 out. 2017.

MIDDLEJ, Roberto. **Em autobiografia, escritor cubano fala da luta política e militância racial**: Carlos Moore, 72 anos, lança hoje, às 18h, "Pichón - Minha Vida e a Revolução Cubana", no Espaço Cultural da Barroquinha. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/em-autobiografia-escritor-cubano-fala-da-luta-politica-e-militancia-racial/>>. Acesso em 29 out. 2017.

MOORE, CARLOS. **O Marxismo e a Questão Racial**: Karl Marx e Friederich Engels frente ao racismo e à escravidão. Belo Horizonte: Nandyala; Uberlândia: Cenafro, 2010.

SANTOS, Rosenverck Estrela. **O marxismo e a questão racial no Brasil**: Questões introdutórias. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/viewFile/25760/pdf>>. Acesso em 29 out. 2017.